

Rosalía de Castro e os poetas románticos brasileiros

Claudio Murillo

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

MURILLO, CLAUDIO (2012 [1986]). “Rosalía de Castro e os poetas románticos brasileiros”. En *Actas do Congreso Internacional de estudos sobre Rosalía de Castro e o seu tempo* (II). Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega / Universidade de Santiago de Compostela, 357-362. Re-edición en *poesiagalega.org. Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*. <<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/1944>>.

2 | Por referencia á publicación orixinal

MURILLO, CLAUDIO (1986). “Rosalía de Castro e os poetas románticos brasileiros”. En *Actas do Congreso Internacional de estudos sobre Rosalía de Castro e o seu tempo* (II). Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega / Universidade de Santiago de Compostela, 357-362.

* Edición dispoñíbel desde o 30 de marzo de 2012 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

ROSALIA DE CASTRO E OS POETAS ROMANTICOS BRASILEIROS

CLAUDIO MURILO

Casa do Brasil, Madrid

Se analisarmos com atenção a produção dos poetas brasileiros da fase romântica, movimento literário que no Brasil se situou entre os anos de 1830 e um pouco mais além de 1970, notaremos que cada um destes poetas toca em sua lira acordes que encontraremos em Rosalía de Castro, se me permitem esta imagem musical que não é das mais originais, mas concretiza um pouco a comparação que quero fazer.

Os aspectos intimista, o social, o sentimento da pátria, o pessimismo —expresso nesta dor sem nome que corrói as almas sensíveis e os corações sofredores— são cambiantes, gradações, escalas entre a tristeza e a revolta que tanto marcaram o temperamento de Rosalía e também insuflaram as poesias românticas de língua portuguesa, no Brasil como em Portugal.

A medida que ía relendo os poetas brasileiros, para neles encontrar ecos de Rosalía, fui descartando de minha mente meu projeto inicial quase mecanicista de trabalhar sobre uma possível influência direta da poesia de Rosalía de Castro, para tentar aproximações mais amplas que talvez pudessem fazer ressaltar um substrato sentimental comum entre galegos e brasileiros, representados por seus poetas.

Alvarez de Azevedo, por exemplo, nascido em 1831 e morto prematuramente em 52, com 21 anos, sentiu, como Rosalía, a tragicidade da Morte e a fugacidade da Vida.

No poema “Um cadaver de poeta”, escreve:

Morrer! e resvalar na sepultura,
Frias na frente as ilusões - no peito
Quebrado o coração!
Nem saudades levar da vida impura
Onde arquejou de fome... sem um leito!
Em treva e solidão!
Tua estrela mentiu. E do fadário
De tua vida a página primeira
Na tumba se rasgou...
Pobre gênio de Deus, nem um sudário!
Nem túmulo nem cruz! como a caveira
Que um lobo devorou!...

Marina Mayoral, em seu conhecido livro, *La poesía de Rosalía de Castro*, dedica vários capítulos a temas que foram também fartamente tratados e utilizados pelos

românticos brasileiros: as sombras, a religiosidade, a tristeza, a saudade, a poesia social, a costumbrista e popular, a morte, como acabamos de ver...

No tratamento destes temas há diferenças, é claro, devido às características pessoais que se refletem no estilo de cada poeta.

A nostalgia da terra natal, o sentimento de despauamento, de exílio ao ver-se o poeta arrancado de sua pátria, ou às vezes o exílio interior que o separa moralmente dos demais seres humanos, levam Rosalía a queixar-se:

¡ADIOS!

¡Adiós, montes e prados, igrexas e campanas,
¡adiós!, Sar e Sarela, cubertos de enramada,
¡adiós!, Vidán alegre, moiños e hondanadas,
Conxo, e do craustro triste i as soedades prácidas,
San Lorenzo, o escondido, cal un niño entre as ramas,
Balvis, para min sempre o das fondas lembranzas,
Santo Domingo, en onde canto eu quixen descansa,
vidas de miña vida, anacos das entrañas.
E vós tamén, sombrisas paredes solitarias
que me viches chorare soia e desventurada.
¡Adiós!, sombras queridas; ¡adiós!, sombras odiadas
outra vez os vaivéns da fortuna
pra lonxe me arrastran.
I eu..., ¡nada temo no mundo,
que a morte me tarda!

Assim também Gonçalves Dias, o primeiro poeta romântico brasileiro de importância, que nasce no Maranhão em 1823 e morre em 1864, em seu poema “Canção do exílio”, assim expressa a sua saudade da terra distante, de sua pátria:

CANÇÃO DO EXILIO

Minha terra tem palmeiras,
On de canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorgeliam,
Não gorgeliam como lá
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas tem mais flores,
Nossos bosques tem mais vida
Nossa vida mais amores.
Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar —sozinho, à noite—

Mais prazer encontro eu lá;
 Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
 Sem que eu volte para lá;
 Sem que desfrute os primores
 Que não encontro por cá;
 Sem qu'inda aviste as palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.

O afastamento de seu rincão natal e o medo de morrer longe dele vem duplicar o tormento que sacode a alma do poeta. Se cotejarmos esta poesia com a biografia de Gonçalves Dias, todavia mais trágicos e premonitórios se apresentam estes versos, pois Gonçalves Dias embarca, já doente, no Havre, França, no navio chamado Ville de Boulogne com destino ao Brasil. Vai piorando seu estado de saúde durante a viagem. Oito dias antes de sua morte já não comia, tomando apenas água com açúcar. No dia 2 de novembro de 1864, avistam-se terras do Brasil e o poeta pede que o carreguem ao passadiço e desfalece nesta ocasião. No dia 3 de novembro o navio se choca com os baixios chamados de Atins, próximo à vila de Guimarães, partindo-se ao meio. Toda a tripulação se salva, mas quando lembraram de socorrer o Poeta que jazia sem forças em seu camarote, já era tarde, este já estava completamente submerso.

Não permita Deus que eu morra / sem que eu volte para lá; / Sem que eu desfrute os primores / Que não encontro por cá; / Sem qu'inda aviste as palmeiras, / Onde canta o Sabiá.

Palavras realmente proféticas.

Sabemos todos que a morte e o sentimento romântico andam sempre de mãos dadas. Os exemplos são numerosos em Rosalía e nos brasileiros, como ademais em todos os poetas românticos de todas as nacionalidades: Diz Rosalía:

Sempre pola morte esperas
 mais a morte nunca ven.
 Morte negra, morte negra,
 cura de dores e engãos.

Mas, ao lado da vertente subjetiva, lírica e intimista que caracteriza os poemas vazados em língua galega e portuguesa, desenvolve-se a outra vertente, a social, que hoje poderíamos quase denominar, a partir dos estudos de Sartre, de compromissada.

Castro Alves, nascido em 1847 e falecido aos 24 anos de idade em 1871, foi a principal voz da poesia social do romantismo brasileiro. Cantor do sofrimento dos escravos, defende com sua poesia a injustiça que se pratica contra o africano, em terras do Brasil àquela época.

O escravo sente saudades, morriña, do seu torrão, isto é, de sua pátria. E este é um dos inúmeros temas de Castro Alves:

A CANÇÃO DO AFRICANO

Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão...

e o escravo entoa um hino que é um lamento:

“Minha terra é lá bem longe
Das bandas de onde o sol vem
Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem.”

Podemos compará-lo com o poema “Estrangeira na sua Pátria” de Rosalía, onde lemos no final:

en torno da estranxeira na súa patria,
que sin lar nin arrimo,
sentada na baranda contempraba
cál brillaban os lumes fuxitivos.

Aqui, neste poema, se confundem vivos e mortos e a nostalgia que atravessa estes versos não é apenas devido à distância decorrente do afastamento geográfico, mas também aparece, neste caso, *o tempo* que destrói a vida humana.

Mais pasando e pasando diante dela
fono os mortos aqueles prosiguinto
a indiferente marcha,
camiño do infinito,

neste *pasando pasando* sente-se que se trata de un desfile com conotações do passar do tempo. Também uma série de mortos desfila no poema de Castro Alves “A visão dos mortos” —que em certo momento se cristalizam neste verso: “pelo infinito a galopar lá vão” que poderia ser cotejado com o de Rosalía em Estrangeira na sua Pátria: “Pasaban / correndo hacia o infinito”—.

Mas a minha intenção não é perpetrar uma comparação verso a verso, mas reafirmar que o sentimento de nostalgia de Rosalía de Castro ressoa de igual maneira nos versos brasileiros.

Leiamos Casimiro de Abreu, 1839-1860, morto com 21 anos portanto:

“Longe da pátria, sob um céu diverso
Onde o sol como aqui tanto não arde,
Chorei saudades do meu lar querido
—Ave sem ninho que suspira à tarde.”

Também Rosalía, em terras de Castela, fecha os olhos e sonha com fontes, prados e veigas de Galicia:

“Mais cando a abrils tornéi,
morrendo de soidades,
toda a chorar me matéi.

E non paréi de chorar
nunca hastra que de Castela
houbéronme de levar.

Leváronme para nela
non me teren que enterrar.”

O tempo que passa também destroi a vida e acarreta a morte. O tempo é inimigo da beleza e é apresentado por outro romântico brasileiro, Laurindo Rabelo, da seguinte forma:

Beleza, doce engano,
Mimo que o tempo deu, que o tempo acaba;
Encantadora nuvem, mas efêmera

encontra em Rosalía metáfora semelhante:

Os homes pasan, tal como pasa
nube de vran.

Um dos traços principais da poesia de Rosalía é seu entranhado pessimismo. Esta é uma das características que não se compagina inteiramente com a alma brasileira, tropical e alegre. Mas o tom subjetivista, muitas vezes perpassado de desencanto, fruto de um intenso trabalho da imaginação criadora, mescla o sofrimento vivido com o imaginado.

Se bem que se possa ver a identidade destes rasgos uma constante do romantismo, a irmandade linguística galaico-portuguesa e brasileira desenvolve uma sensibilidade comum ao projetar o mundo (exterior e interior) em seus poemas, tanto os líricos brasileiros quanto a poetisa galega.

O sentido de mistério, por exemplo, que desenha esfumaçadas e fantasiosas figuras e fantasmas, é encontrado em Rosalía como nestes versos de Castro Alves:

“Quem és tu, quem és tu, vulto gracioso,
que te elevas da noite orvalhada?
Tens a face nas sombras mergulhada...”

Também a solidão, decorrente de uma congênita inadaptação ao mundo real pode ser encontrado nos versos de Laurindo Rabelo:

“A morte é dura.
Porém longe da pátria é dupla morte.
Desgraçado do mísero que expira
Longe dos seus, que molha a língua, seca
Pelo fogo da febre em caldo estranho;
Que vigílias de amor não tem consigo,
Nem palavras amigas que lhe adoçam
O tédio dos remédios, nem um seio,

Um seio palpitante de cuidados,
Onde descansa a lânguida cabeça!

Aqui estão reunidos os temas da morte, do exílio, e da solidão, este última retratada no verso: "sem um seio onde descansar a cabeça".

Ou o verso de Alvarez de Azevedo, que é uma lamúria e um grito: "Vivi na Solidão."

Em Rosalía:

"No, ni amante ni amigo
alli podrá seguirme;
avancemos!... Yo ansío de la muerte
la soledad terrible!"

O sonho que é também uma forma de evasão, não pode deixar de comparecer como um elemento importante nas poesias românticas brasileiras:

"Oh, nos meus sonhos, pelas noites minhas
Passam tantas visões sobre meu peito! (Alvarez de Azevedo).

Em Rosalía nota-se uma busca maior de concretude, de realidade, com tudo o que esta realidade possa representar também de mistério. Mas é um mistério desperto, se se pode dizer assim. O sonho pode aparecer em forma de anelo, de desejo. Em Rosalía, mais difícil é encontrar visões oníricas, a não ser em forma de metáforas.

Fantásticas sim, certas poesias de Rosalía, mas onde o real não perde uma posição de protagonismo.

Um trabalho mais aprofundado sobre a relação entre a poesia de Rosalía de Castro e de certos poetas brasileiros deveria ser tentado no futuro.

Muito próximo pela língua e pelo sentimento estamos galegos e brasileiros. Mesmo assim, nos mantemos, com raras exceções, distantes culturalmente por mútua falta de informações, de pesquisas e investigações bilaterais, reciprocidade na concessão de becas, na organização de congressos e seminários, que aliás o presente que estamos participando é um excelente exemplo de acercamento.

Hoje, um importante poeta de Galicia, Bernardino Graña, está trabalhando em São Paulo, Brasil.

Eu mesmo, modestamente, dentro de minhas forças, limitações e possibilidades procuro dar passos em direção ao conhecimento mútuo de duas culturas que revelam tantos elos comuns.